

O DISCURSO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

The discourse of physical education about gender issues in the professional education in physical education undergraduate courses

Marcos Miranda Correia¹

Fabiano Pries Devede²

Silvio de Cássio Costa Telles³

Thulyo Lutz⁴

Mauricio Murad⁵

Gabriela Aragão Souza de Oliveira⁶

¹Professor Mestre. Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro

²Professor Doutor. Instituto de Educação Física - Universidade Federal Fluminense

³Professor Doutor. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte -

⁴Professor Mestre. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

⁵Professor Doutor. Programa de Mestrado em Ciências da Atividade Física - Universidade Salgado de Oliveira

⁶Professor Doutor. Centro Universitário Augusto Motta

Recebido em: 19/11/2016

Aceito em: 01/03/2016

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

RESUMO

Introdução: em estudos de gênero que têm como foco a Educação Física (EF) escolar, identifica-se a predominância de um discurso crítico dirigido aos professores de EF atuantes na educação básica. Tal discurso se destaca pela denúncia sobre a falta de conhecimento e de competência para interferir nas questões de gênero evidentes no cotidiano escolar. **Objetivo:** este estudo de caso buscou responder à questão: como o curso de licenciatura em EF de uma universidade privada está formando os futuros professores para lidarem com as questões de gênero na educação básica? **Método:** os dados reunidos pela pesquisa documental e as entrevistas com dez professores

universitários e oito estudantes concluintes, foram analisados a partir dos referenciais teóricos e metodológicos da Teoria de Gênero, Teoria Representações Sociais e Análise do Conteúdo. **Conclusão:** conclui-se que a temática de gênero não está devidamente contemplada pelo currículo da licenciatura em EF, ficando à margem, sem planejamento no âmbito das disciplinas da graduação.

Palavras-chave: Universidade. Gênero. Educação física.

ABSTRACT

Introduction: in gender studies with focus in Physical Education one can identify a critical discourse targeting teachers working in the basic school. This discourse stressed the lack of information and skills to discuss gender issues, a common aspect of the school reality. **Objective:** this case study aims to answer the following question: how well is the undergraduate course in Physical Education of a private university priming future teachers to cope with gender issues in basic education? The data collected from documental research and from interviews with ten university professors and eight students were analyzed by the theoretical frameworks of Gender Theory, Theory of Social Representations and the Content Analysis. The results showed that the gender issue has not been contemplated by the Physical Education undergraduate curriculum and is found to be without planning or support in the undergraduate courses.

Key words: Physical Education. Gender. College.

INTRODUÇÃO

Em estudos de gênero que têm como foco a Educação Física (EF) escolar, identifica-se a predominância de um discurso crítico dirigido aos professores de EF atuantes na educação básica. Tal discurso se destaca pela denúncia sobre a falta de conhecimento e de competência para interferir nas questões de gênero evidentes no cotidiano escolar. Louzada de Jesus e Devides (2006) sugerem haver um desconhecimento dos professores em relação à co-educação e ao conceito de gênero.

Com isso, a carência de discussões sobre gênero nas aulas de EF escolar tem inviabilizado o desenvolvimento da proposta co-educativa, naturalizando as diferenças culturais entre os sexos e impossibilitando a aquisição de um posicionamento crítico dos alunos sobre as desigualdades de gênero. (ANDRADE; DEVIDES, 2006)

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

Segundo Costa e Silva (2002), os professores não têm refletido sobre como a categoria de gênero influencia os processos de exclusão desenvolvidos nas aulas, sugerindo que eles deveriam oferecer oportunidades de aprendizagem pautadas pelo respeito ao outro e pela possibilidade de realizar um trabalho compartilhado.

Estudos (DARIDO, 2003; GARIGLIO, 2004; STEFANE, 2003) demonstram que a produção acadêmica em EF não tem apresentado respostas objetivas aos problemas e questões que os professores enfrentam na escola.

Os problemas com gênero são considerados muito comuns nas escolas, e diversas vezes mencionados durante o percurso acadêmico [...], mas apesar de tudo isso, ainda perguntamos: Sabemos lidar com essas questões de maneira efetiva? **A prática de ensino mostra como não sabemos lidar com situações simples**, cotidianas da escola. (HERCULES; SILVA; SILVEIRA, 2006, p. 3, grifos nossos).

Tal cenário nos faz refletir acerca da qualidade da formação do licenciado em EF no que se refere às discussões sobre gênero. Para Costa e Silva (2002, p. 50) é “imprescindível a formação mais sensível e crítica dos professores e professoras de educação física no sentido de enfrentar as questões relativas à diferenciação de sexo/gênero”. Isto posto como o curso de licenciatura em EF de uma Universidade privada aborda as questões sobre gênero em suas disciplinas?

Este estudo tem como objetivo apontar como as questões de gênero estão sendo introduzidas na formação profissional em licenciatura/EF. Os objetivos específicos são: (i) Identificar como a temática de gênero encontra-se representada nos documentos oficiais do curso de licenciatura/EF de uma Universidade privada do RJ; (ii) Analisar como a temática de gênero está sendo representada e abordada pelos professores do curso; (iii) Verificar como os formandos pelo curso estão construindo seus saberes sobre gênero. (v) Evidenciar os elementos das Representações Sociais de professores e discentes sobre gênero.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de caso (YIN, 2005) qualitativo realizado no curso de licenciatura em EF de uma Universidade privada localizada no estado do RJ. O estudo está organizado em: 1) análise documental (FARIA JÚNIOR, 1992) do Projeto Político Pedagógico (PPP), da grade curricular e das ementas das disciplinas; 2) análise

do conteúdo (BARDIN, 2006) das falas dos professores e dos discentes. Foram investigadas três dimensões da formação: o discurso oficial do currículo; o discurso do corpo docente; o discurso do corpo discente.

A análise documental, segundo Faria Júnior (1992), permite apresentar o conteúdo dos documentos de forma que facilite etapas posteriores de análise. Em um primeiro momento verificamos como o PPP, a grade curricular e as ementas das disciplinas contemplam a temática gênero. As disciplinas foram agrupadas em seis categorias conforme o conteúdo das ementas: esportiva, biomédica, sócio-humana, não esportiva, didático-pedagógica e instrumental.

Em seguida, realizamos entrevistas semiestruturadas (NEGRI-NE, 1999) com dez professores de disciplinas distintas e com oito discentes concluintes do curso de EF que se apresentaram voluntariamente. Os professores eram responsáveis pelas seguintes disciplinas: Anatomia; Dança; Aprendizagem Motora; Cinesiologia; Folclore; Futsal; Judô; Psicologia; Ginástica; Prática de ensino.

Aos professores buscamos analisar questões transformadas em categorias de análise dos dados, tais como a distribuição dos alunos por sexo nas aulas de EF; gênero, corpo e sexualidade; a visão biologicista sobre as diferenças de gênero; a generificação das disciplinas e atividades na licenciatura em EF; o espaço da temática de gênero na formação profissional em EF.

Já aos discentes, as categorias são: o entendimento sobre a temática gênero; a distribuição dos alunos por sexo nas aulas; esporte, competitividade e gênero; a generificação das disciplinas e atividades na licenciatura em EF. Os informantes numerados de um a dez são professores e os que vão de onze a dezoito, discentes.

Os roteiros de entrevista foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira, sendo aprovados pelo parecer 1/2008. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

A elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) investigado contextualiza-se em um período posterior às diversas mudanças teóricas, políticas e legislativas produzidas na EF na década de 1980.

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

Tal contexto envolve a publicação da Resolução 03/87 (CFE, 1987), que trouxe a necessidade de uma revisão curricular dos cursos de licenciatura plena. Assim, o PPP traz representações significativas desse contexto ao cumprir as exigências da legislação sobre a distribuição das disciplinas destinadas às áreas de formação geral (humanística e técnica) e de aprofundamento (AZEVEDO; MALINA, 2004). Em algumas partes, sob o ponto de vista teórico, assume uma postura preocupada com a qualidade de vida social e as necessidades do mundo real (DAVID, 2002), mas conserva elementos tradicionais e polêmicos da formação profissional, mantendo a presença do esporte e das Ciências Biológicas/Naturais como base do currículo.

O documento define que “O Curso de Educação Física [...] destina-se a formar graduados em Educação Física com habilitação em licenciatura plena e técnica em esportes”. Fica explícita a relação histórica da formação profissional com a tradição esportiva na EF escolar, o que exemplifica as conclusões de Azevedo e Malina (2004), em que as modificações nos cursos de EF processam-se sem que se altere profundamente a tradicional estrutura biológico-esportiva.

Tal cenário pode contribuir e reforçar, a nosso ver, à perspectiva hegemônica em que as discussões e posições do masculino e do feminino habitam estritamente no campo biológico e reforçam valores tão comuns no universo competitivo esportivo. Com isso, a partir da análise deste documento – que ainda é parcial – é possível pensar que a temática gênero não parece ser parte tão relevante do referido projeto pedagógico.

ANÁLISE DA GRADE CURRICULAR E DAS EMENTAS

Construímos seis categorias que reúnem disciplinas classificadas de acordo com suas características e encontram-se apresentadas no Quadro 1.

Há uma menor disponibilidade de carga-horária para as disciplinas sócio-humanas (9,1%) e didático-pedagógicas (18,2%), em relação às biomédicas (21,2%) e desportivas (30,4%). Quanto menor for quantidade e a carga-horária de disciplinas sócio-humanas e didático-pedagógicas, menor será a possibilidade da temática gênero ser abordada sob a ótica histórico-cultural. Não queremos dizer com isso que as demais disciplinas prioritariamente esportivas e biomédicas não sejam um campo fértil para tal discussão.

Quadro 1 - Análise da Grade Curricular

Categoria (nº disciplinas)	Disciplinas	Carga Horária (h)	%
Esportiva (20)	Voleibol I e II; Natação I e II; Atletismo I e II; Judô I e II; Ginástica Rítmica Desportiva I e II; Basquete I e II; Handebol I e II; Treinamento Desportivo I e II; Futebol; Futsal; Organização Desportiva; Esporte de Massas.	900	30,4
Biomédica (13)	Biologia I e II; Higiene; Anatomia I e II; Cinesilogia I e Cinesilogia II; Fisiologia I e II; Biometria I e II; Neurofisiologia; Socorros de Urgência.	630	21,2
Sócio-humana (6)	Sociologia Geral I; Filosofia Geral I; História da Ed. Física; Psicologia Geral; Psicologia da Educação II (aprendizagem); Psicologia da Educação III (aprendizagem)	270	9,1
Não esportiva (11)	Ginástica I, II, III e IV; Recreação I e II; Dança I e II; Folclore; Ginástica Especial; Pesos e Halteres.	495	16,6
Didático-pedagógica (9)	Didática; Psicopedagogia I; Didática da Ed. Física; Estrutura e Funcionamento da Educação Infantil e do Ensino Fundamental; Prática de Ensino e Estágio Supervisionado I, II e III; Estrutura e Funcionamento do Ensino Médio; Aprendizagem Motora.	540	18,2
Instrumental (3)	Língua Portuguesa; Estatística I; Métodos e Técnicas de Pesquisa I.	135	4,5
N=62		2970 horas	100%

Contudo, se as representações sociais são influenciadas pelo conhecimento científico (MOSCOVICI, 2003), os discentes podem estar construindo seus saberes pautados numa visão biologicista que tem contribuído para a confusão conceitual identificada nos estudos de gênero na EF: a explicação das diferenças cultu-

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

rais de gênero a partir das diferenças biológicas do sexo (GOELLNER, 2001).

De outro lado, considerando o esporte uma instituição de reserva masculina (DEVIDE, 2005), um conteúdo generificado e generificador, a predominância de disciplinas desportivas (30,4 %) em relação às não esportivas (16,6 %) tende a reforçar a noção de um “currículo masculino” (GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2004), favorável à naturalização do esporte como campo de identidade masculina.

Soma-se ao cenário da grade curricular, o fato de a temática gênero não aparecer de forma explícita em nenhuma das ementas das disciplinas. Sabendo que a grade e as ementas representam o olhar da instituição sobre a licenciatura, a ausência de um conteúdo explícito sobre gênero revelou a necessidade de ouvirmos professores e discentes para sabermos mais acerca de tal ausência e da possibilidade de conteúdos implícitos com características reprodutoras e/ou superadoras das questões de gênero estarem sendo articulados na formação profissional. Com isso, analisaremos a seguir os conteúdos das entrevistas realizadas com os professores.

ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS COM OS DOCENTES

A distribuição dos alunos por sexo nas aulas de EF

Foi consenso entre os professores a adoção de aulas mistas, corroborando o discurso politicamente correto da junção dos sexos arraigado na EF. As aulas mistas surgiram no panorama da EF escolar, argumentando a possibilidade de desconstrução de estereótipos sexuais e a viabilização dos conteúdos de forma igualitária. Contudo, há aulas consideradas “mistas” organizadas com parte do tempo reservando o espaço aos meninos e outra às meninas; ou organizando os grupos simultaneamente – separando-os e ministrando atividades distintas, às vezes, generificadas. O grupo tende a perceber a aula mista como “mistura” de sexos, conforme ilustra as falas dos informantes 4 (I4) e 10 (I10): “A aula, do meu ponto de vista, ela **não pode ser separada** [...] tem que ser sempre mista” (I4, grifo nosso); “Eu sou completamente a favor da **mistura**” (I10, grifo nosso).

Ambas as falas expressam entendimento sobre a distribuição dos alunos por sexo como uma “mistura” capaz de socializar através da troca de informações. A ideia da “mistura” ignora a complexidade dos conflitos e diferenças de gênero e desconsidera os aspectos re-

lacionados à Co-educação (SARAIVA, 1999), obscurecendo a diversidade de aspectos culturais envolvidos na socialização entre os sexos na escola.

Segundo Costa e Silva (2002), a ideia da aula mista pode promover uma adaptação dos alunos apenas aos padrões normativos e hierárquicos das relações de gênero, sem que estas sejam problematizadas no ensino da EF, ou seja, não basta unir meninos e meninas em atividades dirigidas se as mesmas não problematizam as relações de gênero entre todos. Louzada de Jesus, Votre e Devides (2007), identificaram uma tendência à predominância de aulas mistas e “flexibilizadas”, nas quais os professores optavam por unir e separar meninos e meninas na mesma aula, em decorrência dos objetivos elaborados para aquela aula.

Gênero, corpo e sexualidade

Corpo e sexualidade são elementos relacionados com gênero (BOURDIEU, 2005; LOURO, 2001). A identificação da categoria gênero, corpo e sexualidade ilustra como as questões de gênero ultrapassam a dimensão da cognição. Não basta apenas identificar, falar e escrever sobre preconceitos e discriminações; é preciso refletir sobre os aspectos simbólicos que os capitalizam e os ancoram nos corpos de professores e discentes. O discurso de alguns revela a dificuldade de lidar com essas relações.

Um professor afirma seu policiamento diante das “brincadeiras” dos alunos com a genitália feminina em suas aulas de Anatomia: “Têm brincadeiras [...] dos próprios alunos [...] quando você tá dando aula [...] principalmente de genitália [...] principalmente quando é feminina [...] Até eu tenho que me policiar às vezes com o que eu vou falar [...]” (I1). Mesmo em uma situação profissional, os órgãos genitais resgatam estruturas simbólicas da sexualidade masculina e feminina.

As falas revelam a dificuldade de discentes do sexo masculino para lidar com o próprio corpo e o contato corporal com os demais, podendo ser exemplificado pelas informantes 3 (Dança) e 10 (Aprendizagem Motora). “A questão do ritmo [...] sentimento, da sensibilidade. [...] não vejo isso muito trabalhado. [...] o tato olhando nos olhos [...] o contato, significa... Intimidade [...] nós não temos o hábito... Do contato como [...] um diálogo mesmo. Então **eles estranham isso.**” (I3, grifo nosso); “Quando eu falo pra explorar movimentos com quadril, qualquer coisa que envolva pesquisa de movimento nessa área [...]”.

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

A dificuldade dos discentes para lidar com o próprio corpo levamos a refletir sobre as limitações impostas aos corpos das crianças na educação básica. Uma fala de I10 demonstra claramente essa dificuldade:

Eu acho mais curioso [...] essa dificuldade de aprofundar a percepção. [...] **Esse corpo ainda muito externo...** Na turma da Educação Física [...] Isso **me preocupa na formação da Educação Física...** [...] acho que ainda **predomina no corpo externo...** Tanto **no masculino** como **no feminino**. Mas percebo ainda mais no masculino (grifos nossos).

Os relatos das informantes corroboram a afirmação de Louro (2000, p. 87): “os cursos de formação docente pouco ou nada nos dizem sobre os corpos - dos estudantes e dos nossos”.

Por fim, há uma dificuldade na graduação em EF para lidar com os aspectos simbólicos representados pelo corpo e pela sexualidade. Sendo o corpo influenciado e generificado pelas instituições religiosas, educacionais, científicas, desportivas e objeto da ação pedagógica na prática da EF, caberia uma maior atenção à reflexão sobre os aspectos do gênero, corpo e sexualidade, mantidos à margem da formação profissional da licenciatura na instituição pesquisada.

A visão biologicista sobre as diferenças de gênero

Em algumas entrevistas, a Biologia passa a ser referência para alguns informantes elaborarem suas construções discursivas sobre as diferenças de gênero. “O que a gente explica é que o homem, através de fatores hormonais, entre a mulher e o homem, ele tem uma massa muscular maior. E a mulher, tem uma massa de gordura maior que a muscular.” (I1)

Na Cinesiologia, o professor não observa diferenças significativas entre o homem e a mulher: “Pouquíssimas coisas na Cinesiologia são diferentes pro homem e pra mulher. Salvo o que diz respeito ao [...] osso do quadril, da pelve geral, durante o parto” (I6). Esse olhar biológico sobre o corpo humano, isolado das influências sociais, culturais e históricas, criticado por Saraiva (1999), favorece o determinismo biológico que se constrói em torno das diferenças sexuais (GOELNER, 2007).

Não só a área biomédica constrói representações apoiadas na Biologia. A informante 9 (Psicologia) apropria-se do discurso científico de uma obra para afirmar a capacidade das mulheres e dos homens

com as tarefas domésticas: “Em base científica, como fala o livro que eu acabei de ler, a gente observa que existe isso sim, o cérebro do homem, e tantas outras coisas, **não é programado para exercer essas múltiplas atividades de uma mulher**” (I9, grifo nosso). A informante corrobora com os argumentos da área biomédica ao afirmar que o homem não é “programado” para desempenhar atividades consideradas por nossa sociedade heterossexista e patriarcal como femininas. O termo “programado” deveria ser interpretado a partir da forma como a sociedade inculca nos sujeitos os papéis sexuais que estes devem assumir nesta matriz heterossexista, mais do que algo determinado biologicamente.

A generificação das disciplinas e atividades na licenciatura em Educação Física

O processo de generificação das disciplinas, interpretando-as como sendo mais adequadas ou próprias para cada sexo, é uma marca nas falas de vários professores. Essa generificação é percebida nas disciplinas relacionadas à expressão corporal e nas de caráter esportivo, conforme autores já apontaram (SILVA; GOMES; QUEIRÓS, 2006). Disciplinas como, Dança, Ginástica e Folclore são ligadas pelos informantes ao universo feminino, e Futsal e Judô ao masculino: “Muitas pessoas consideram que disciplinas como Folclore ou Dança ou Ginástica, **são atividades que [...] O homem não faz parte**, ou que a mulher tem mais domínio” (I8 – Folclore, grifo nosso).

Tal generificação pode ser vista como um preconceito a ser desconstruído, conforme ilustram os professores de Futsal (I2) e Judô (I7). “O que a gente trabalha [...] é quebrar esse mito [...] futebol é para homem [...] **Tentar desmistificar** essa questão do futebol [...] Culturalmente [...] Mais masculina [...] para que os profissionais possam atuar [...] Sem esse **preconceito**”. (I2, grifos nossos); “Existe na sociedade [...] Um [...] **preconceito muito grande** com relação às lutas [...] que a gente tem que quebrar. E a gente vai **lutando** pra isso.” (I7, grifos nossos)

Sabemos que as Representações Sociais se constroem no campo do discurso teórico e na prática discursiva (MOSCOVICI, 2003). Sendo assim, as falas dos informantes, ao abordarem ações como “desmistificar” e “lutar” contra o “preconceito” – termo recorrente em ambas as falas - demonstram a possibilidade de mudança em nível de discurso e são coerentes com uma intervenção contra os preconceitos decorrentes da generificação dos conteúdos espor-

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

tivos. Apesar das falas diferenciadas dos professores de Futsal e Judô, os dados demonstram que na formação profissional em EF ainda há um universo dividido por atividades e conteúdos masculinos e femininos.

O espaço da temática de gênero na formação profissional em Educação Física

Confirmamos com o informante 9, a inexistência de um conteúdo que aborde a temática gênero, ficando a mesma na dependência dos professores: “Poderia tá sendo mais enfatizado, realmente, essa questão de gênero [...] infelizmente a gente **não tem muito tempo** pra poder dar, talvez, a ênfase necessária [...] a gente aborda um pouco, mas [...] **muito menos do que poderia ser falado.**” (I9, grifo nosso).

Os dados revelam que existe alguma preocupação dos professores da graduação em inserirem a temática gênero nas aulas, mas sugerem que o “tempo” é escasso. Desta forma, o debate necessário acaba por ocorrer de forma ocasional, não sistematizada ou planejada, mas diante de alguma observação feita por um discente ou turma sobre o assunto.

O professor de Prática de Ensino (I4), ao ser indagado se identificava questões de gênero em suas aulas e como articularia tais questões com os conteúdos da disciplina, respondeu: “não vejo muito isso [...] é uma coisa normal, é mais um debate, troca de ideias” e “eu não teria uma articulação, eu teria como apresentar” (I4). Entretanto, tal debate geralmente vem à tona quando os licenciandos passam a cursar as disciplinas de Prática de Ensino/ Estágio Supervisionado, pois no momento que iniciam o contato direto com as escolas e atuam com turmas de educação infantil, fundamental e médio, identificam como a categoria de gênero interfere no encaminhamento das atividades.

Portanto, se a temática de gênero é relevante, conforme o discurso de alguns informantes deveria estar inserido de forma intencional, planejada e abordada numa perspectiva reflexiva (BETTI; GALVÃO, 2001) e transformadora (AZEVEDO; MALINA, 2004) na formação profissional.

ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

O entendimento sobre a temática de gênero

Os informantes revelam formas distintas sobre o entendimento do conceito de gênero relacionadas com as Representações Sociais construídas no senso comum. Uma delas é focalizar a compreensão de gênero polarizado nas figuras do homem e da mulher ou nos papéis sexuais masculino e feminino, conforme questionam os informantes 15 e 16: “De gênero? Bem... Entre homem e mulher?” (I16); “Vamos tirar uma dúvida. Gênero... Masculino e feminino. Certo?” (I15).

Tal interpretação é criticada por Butler (2003) e Louro (2001), pois esse entendimento exclui e torna invisível outras identidades de gênero, definindo comportamentos e atitudes socialmente adequadas para homens e mulheres. Esta polarização desconsidera os complexos processos que discriminam as identidades de gênero desviantes ou não prototípicas da norma heterossexista (BUTLER, 2003), na sociedade, na escola e nas aulas de EF, diminuindo a possibilidade de ações pedagógicas inclusivas nesses espaços (TONELI, 2006).

O desconhecimento do termo pelos licenciandos concluintes reforça os dados encontrados na análise documental das ementas e na análise do conteúdo do discurso docente, tornando a temática de gênero quase invisível na formação profissional na Instituição pesquisada.

Dessa forma, os futuros docentes tendem a se deparar com dificuldades no cotidiano do ensino da EF escolar, assumindo posturas tradicionais como, por exemplo, separando meninos de meninas nas atividades para solucionar problemas a respeito de relações de gênero.

A distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física

Os informantes refletem a opinião compartilhada pelos professores. O sentido de “mistura” expressado por alguns reflete-se no discurso dos discentes, quando a eles fora perguntado como relacionavam questões de gênero aos conhecimentos da formação. “Isso é [...] Batido em sala de aula. De não ter a divisão de sexo [...] Dentro [...] do espaço acadêmico [...] é colocado dessa maneira.” (I11); “Sempre percebi que todos os professores faziam questão de [...] fazer o entrosamento [...] de gênero [...] Do sexo masculino e

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

feminino.” (I13). Gariglio (2004, p. 253) alerta para o fato de que “a forma ou o *como* os professores universitários ensinam é tomado como conteúdo da formação”.

Como os professores, os discentes não fazem referência a uma abordagem co-educativa para os conflitos de gênero que apontam. O discurso maniqueísta, identificando as aulas separadas como discriminadoras e aulas mistas como inclusivas, pode estar caracterizando uma “aprendizagem pseudo-coeducativa” (KUNZ, 2003, p. 400)

Esporte, competitividade e gênero

O discurso dos discentes tende a correlacionar aula mista como sinônimo de inclusão e aula separada por sexo como de exclusão, conforme estudo de Louzada de Jesus (2005). Isso ocorre pela associação entre esporte, competição e exclusão por gênero, baseada em Representações Sociais que naturalizam as diferenças de gênero e habilidade motora. O discurso dos discentes (I11; I12) explicita que as diferenças de sexo e de gênero são irrelevantes quando as atividades não exigem competitividade e habilidades específicas, mas quando envolvem esporte e competição as mesmas adquirem conotações distintas: “Com atleta [...] Entre homem e mulher, é diferente. A mulher, ela tem uma **evolução menor**” (I12, grifo nosso).

Retirar a competição do esporte, entendido como modalidade formal regulamentada por suas respectivas federações (CORREIA, 2006), descaracterizaria e negaria sua própria essência. A exacerbação da competição na escola não tem funcionado como elemento motivador (FERREIRA, 2000); logo, alusões ao “caráter competitivo” (I11), à “evolução menor” (I12) da mulher (I18) explicitam a interpretação reducionista do elemento “competição” na EF escolar.

A generificação das disciplinas e atividades na licenciatura em Educação Física

Embora essa categoria tenha sido identificada no discurso dos professores, os discentes evidenciam a generificação de forma distinta, tendendo a especificarem as atividades rítmico-expressivas como generificadas para o feminino, enquanto referem-se de forma geral às desportivas como sendo masculinas, conforme sintetiza o informante 18: “Pro lado feminino é ginástica rítmica [...] dança, são mais voltadas para o sexo... Feminino [...] as atividades esportivas [...] tem a participação maior [...] do gênero masculino.” (I18)

Na história da EF brasileira, a associação da ginástica aos ideais de maternidade e feminilidade constituiu um discurso oficial que foi levado às escolas por meio das aulas de EF (GOELLNER, 2005). Nas aulas de Folclore, por exemplo, a informante 15 observa que há falta de dedicação dos rapazes, não por falta de condicionamento físico, mas à generificação das atividades rítmico-expressivas como femininas: “**Homem é mais bruto** [...] Qualquer tipo de atividade, qualquer trabalho [...], por exemplo, no Folclore... Ele... **Não vai querer fazer certo tipo de coisa**, porque homem não faz isso. E ele acaba [...] tentando mudar [...] Só porque **ele acha que homem não faz.**” (I15, grifo nosso)

O discurso da informante 15 naturaliza um estereótipo: a brutalidade masculina; em seguida, apresenta um preconceito dos rapazes terem suas identidades sexuais questionadas: “homem não faz isso”. Tal questionamento é marca característica do comportamento homofóbico da sociedade em relação aos homens (FREITAS, 2006; SILVA; GOMES; QUEIRÓS, 2006), uma vez que segundo Louro (2000; 2001) e Damico (2007), o sexo masculino vive sob vigilância em relação aos desvios ou transgressões da masculinidade hegemônica (CONNEL, 1995). Na aula de Folclore, “fazer certo tipo de coisa” (I15) significa macular essa “brutalidade” masculina, expondo-se à cultura homofóbica de seu grupo, sentimento evidente no discurso dos jovens e adolescentes (TONELI, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por este estudo surgiu a partir de um olhar crítico sobre a produção acadêmica dos Estudos de Gênero na EF, que tem identificado e descrito os problemas de gênero e propondo metodologias de ensino inclusivas à EF escolar, como a Co-educação (SARAIVA, 1999). Apesar disso, tais conhecimentos ainda estão distantes da atuação dos professores da educação básica. Interpretamos que a licenciatura em EF deveria ser mediadora entre a produção científica e a futura prática reflexiva e transformadora dos professores em relação à temática de gênero.

Os resultados da análise da grade curricular, das ementas das disciplinas e do PPP nos permitem apontar que há condições favoráveis para que os professores ingressem no mercado de trabalho, apesar da reduzida oferta de conhecimentos provenientes das áreas sócio-humanas e didático-pedagógicas, em detrimento às demais áreas, o que pode restringir a possibilidade dos professores tornarem-se mais críticos em relações às questões de gênero sob viés histórico-cultural.

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

Percebemos que a inserção da discussão de gênero na licenciatura fica relegada à afinidade, ao conhecimento e ao interesse dos professores pelo assunto, inserindo-se como um tema transversal, abordado ou não ao critério dos professores de cada disciplina. Ao não ser contemplada diretamente na grade, nas ementas e no discurso docente, gênero tende a circular na licenciatura pelo universo consensual (MOSCOVICI, 2003), sem o necessário aprofundamento teórico. Tais práticas são incorporadas pelos futuros discentes em seus estágios/práticas de ensino.

A análise do discurso dos discentes demonstra que esse panorama tende a ser reproduzido pelos mesmos na educação básica. Logo, constatamos que a formação profissional em EF encontra-se desarticulada das questões de gênero identificadas no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. B.; DEVIDE, F. P. Auto-exclusão nas aulas mistas de educação física escolar: representações de alunas do ensino médio sob enfoque de gênero. **FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 76. p. 318-321, 2006.

AZEVEDO, A. C. B. de; MALINA, A. Memória do currículo de formação profissional em educação física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 129-142, jan. 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2006.

BETTI, I. C. R.; GALVÃO, Z. Ensino reflexivo em uma experiência no ensino superior em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas, v. 22, n. 3, p. 105-116, mai. 2001.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CFE. Resolução. Resolução nº 03. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). Diário Oficial da União, 1987. 10 set. Disponível em: < <http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/1990/Res0387-cfe.htm> >.

CORREIA, M. M. **Trabalhando com jogos cooperativos: em busca de novos paradigmas na educação física**. Campinas: Papirus, 2006.

SOARES et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONNEL R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2002.

DAVID, N. A. N. A formação de professores para a educação básica: dilemas atuais para a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 119-113, jan. 2002.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte** – história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí, RGS: Editora UNIJUI, 2005.

FARIA JÚNIOR, A. G. Pesquisa em educação física: enfoques e paradigmas. In: SBDEF - Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Física. **Pesquisa e produção do conhecimento em educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992. p. 13-33.

FERREIRA, M. S. A competição na educação física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 6, n.2 p. 97-100, jul/dez. 2000.

GARIGLIO, J. A. **A cultura docente de professores de Educação Física de uma escola profissionalizante: saberes e práticas profissionais em contexto de ações situadas**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro. PUC - Rio. - Educação. 1v. 291 p. 2004.

GOELLNER, S. V. Gênero, Educação Física e Esportes. In: VOTRE, S. (org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: UGF, 2001. p. 215-227.

_____. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GOMES, P. B., SILVA, P; QUEIRÓS, P. Para uma estrutura pedagógica renovada, promotora da co-educação no desporto. In: SIMÕES. A.C.; KNIJNIK, J. D (Org.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 173-189.

HERCULES, E. D.; SILVA, M. M.; SILVEIRA, V. T. Professores (as) de educação física e gênero: algumas contribuições. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006, Florianópolis. **Anais eletrônicos ...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

CORREIA, Marcos Miranda *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **SALUSVITA**, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

CORREIA, Marcos
Miranda *et al.* O
discurso da licenciatura
em educação física
sobre as questões de
gênero na formação
profissional em
educação física.
SALUSVITA, Bauru, v.
35, n. 1, p. 67-83, 2016.

KUNZ, M. do C. **Dança e gênero na escola:** formas de ser e viver mediadas pela Educação Estética. Tese de doutorado. Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana. 1v. 441 p. 2003.

LOUZADA DE JESUS, M. Aulas mistas e separadas por sexo em uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro. In: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE 2005. **Anais...** Porto Alegre/ RS, 2005. CD-ROM. LOUZADA DE JESUS, M.; VOTRE, S.; DEVIDE, F. Representações docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p.55-68. 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

SARAIVA, M. do C. **Co-educação física e esportes:** quando a diferença é mito. Ijuí: Unijuí, 1999.

SILVA, P; GOMES, P. B; QUEIRÓS, P. Gênero e esporte: a construção de feminilidades e masculinidades. **Lecturas: Educación Física y Deportes. Buenos Aires**, ano 11, n. 96, may. 2006. Disponível em: <<http://www.efesportes.com>>.

STEFANE, C. A. Professores de Educação Física: diversidade e práticas pedagógicas. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos - Educação. 1v. 221 p. 2003.

TONELI, M. J. F. Homofobia em contextos jovens urbanos: contribuições dos estudos de gênero. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 31-38, 2006.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.